

EDIÇÃO ESPECIAL DENISE BOTTMANN

QORPUS

ISSN 2237-0617 VOLUME 14 NÚMERO 4 DEZEMBRO 2024



PGLIT/UFSC

QORPUS

VOLUME 14 NÚMERO 4

DEZ 2024

ISSN 2237-0617

Qorpus é um periódico vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina

Editora-chefe

Dirce Waltrick do Amarante (UFSC)

Editores-associados

Aurora Bernardini (USP)

Sérgio Medeiros (UFSC)

Editores-adjuntos

Ane Girondi (UFSC)

Vássia Vanessa da Silveira (UFSC)

Willian Henrique Cândido Moura UFSC)

Conselho editorial

Alai Garcia Diniz (UFSC/UNILA)

Álvaro Silveira Faleiros (USP)

Ana Helena Barbosa Bezerra de Souza (UFMG/USP)

Andréia Guerini (UFSC)

Angelica Micoanski Thomazine (UFMS)

Clélia Mello (UFSC)

Donaldo Schüler (UFRGS)

Fábio de Souza Andrade (USP)

Larissa Ceres Rodrigues Lagos (UFOP)

Lúcia Sá (University of Manchester)

Luci Collin (UFPR)

Malcom McNee (Smith College)

Manoel Ricardo de Lima (UNIRIO)

Maria Aparecida Barbosa (UFSC)

Marie-Hélène Catherine Torres (UFSC/UFC)

Marília Librandi Rocha (Princeton University/Diversitas-USP)

Myriam Correa de Araujo Avila (UFMG)

Nora Margarita Basurto dos Santos (Universidad Veracruzana)

Odile Cisneros (University of Alberta)

Patrick O'Neill (Queen's University)

Piotr Kilanowski (UFPR)

Vitor Alevato do Amaral (UFF)

Walter Carlos Costa (UFSC/UFC)

Organizadores da Edição Especial “Denise Bottmann”

Myllena Ribeiro Lacerda (UFSC) - Editora Convidada

Marlova Gonsales Aseff (UnB) - Editora Convidada

Diagramação e Edição

Ane Girondi (UFSC)

Publicação Eletrônica

Willian Henrique Cândido Moura (UFSC)

Projeto Gráfico

Vássia Vanessa da Silveira (UFSC)

Imagem da Capa

Sérgio Medeiros (UFSC)

<http://qorpuspget.paginas.ufsc.br>
www.facebook.com/revistaqorpus

QORPUS

VOLUME 14 NÚMERO 4

DEZ 2024

ISSN 2237-0617

SUMÁRIO

Apresentação

Apresentação 9

Myllena Ribeiro Lacerda

Marlova Gonsales Aseff

Traduções

Algumas traduções de Denise Bottmann..... 15

Myllena Ribeiro Lacerda

Marlova Gonsales Aseff

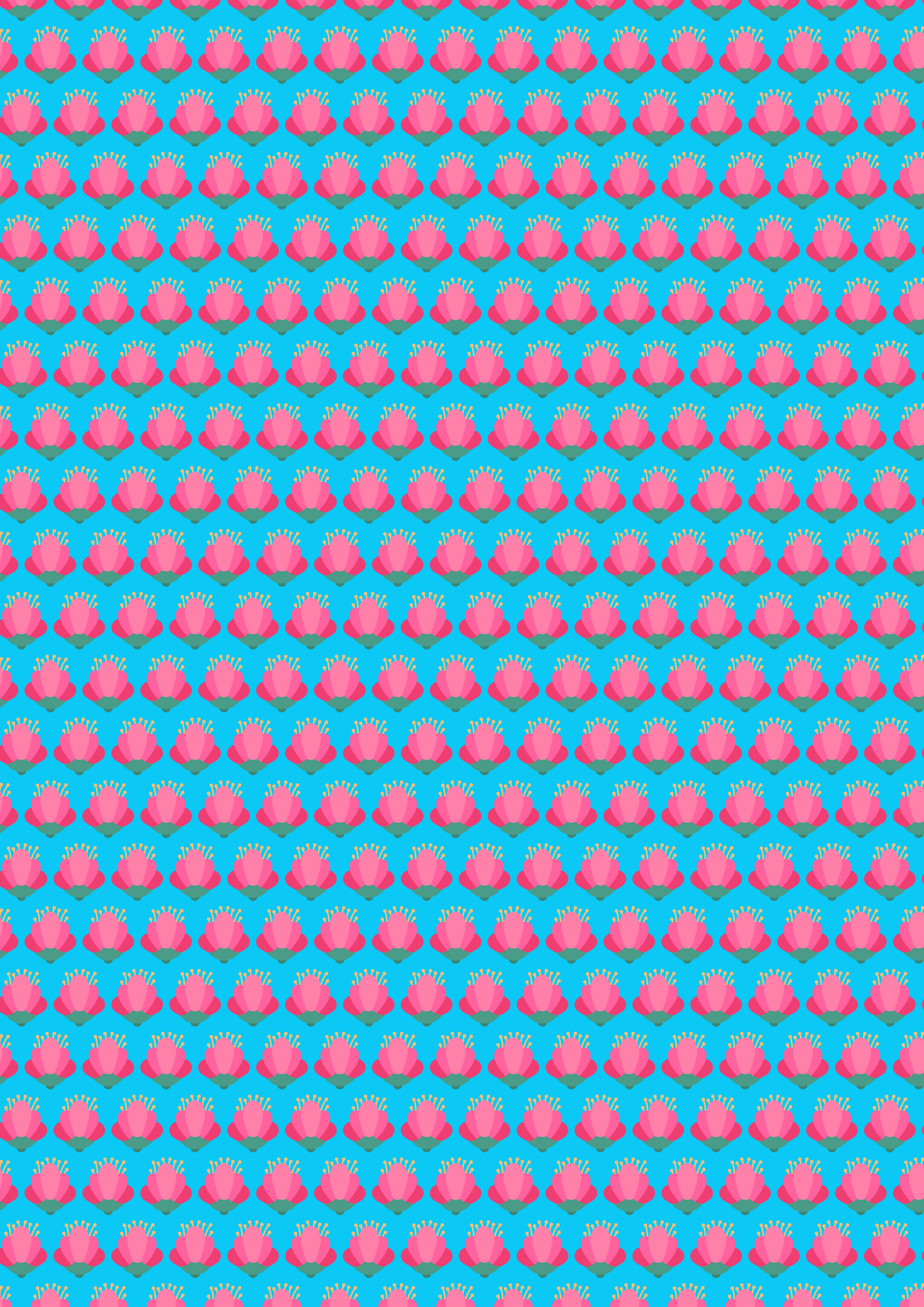
Entrevista

Entrevista com Denise Bottmann..... 23

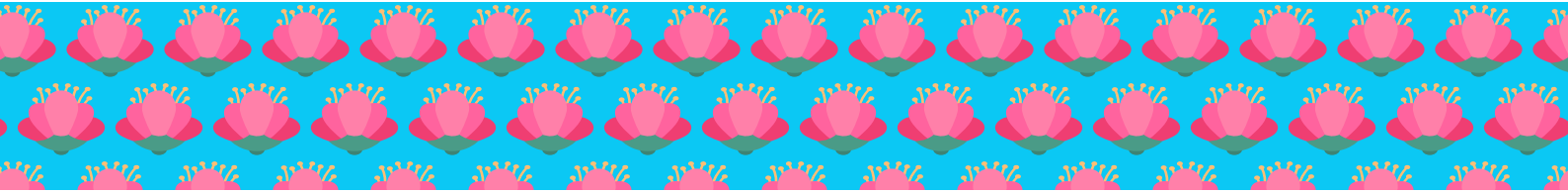
Luci Collin

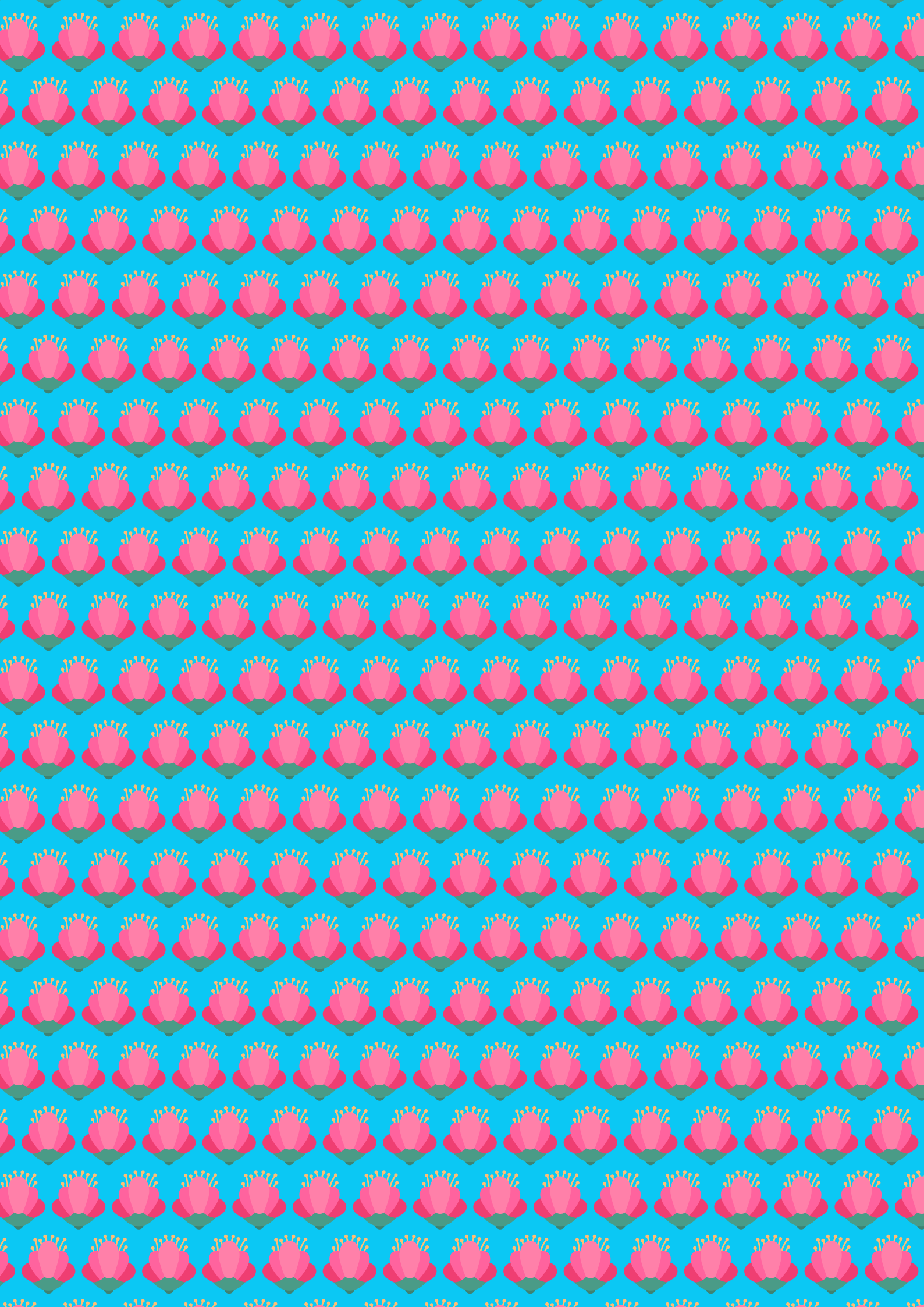
Depoimentos

Depoimentos..... 37



APRESENTAÇÃO





Apresentação

Ela já foi chamada pela imprensa de “guerrilheira antiplágio”. No entanto, além dessa espécie de militância aguerrida realizada em prol dos direitos dos tradutores, Denise Bottmann, nascida em Curitiba em 1954, é também uma tradutora respeitada em seu campo de atuação e profícua pesquisadora da História da Tradução no Brasil. Formada em História (1981) pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e mestre em Teoria da História (1985) pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Bottmann foi professora universitária entre 1983 e 1996, tendo lecionado Teoria da História e Epistemologia das Ciências Humanas no Departamento de Filosofia da Unicamp.

O seu trabalho como tradutora do inglês, francês, espanhol e italiano já soma mais 200 títulos¹ publicados, incluindo obras literárias, de teoria e história literária, de história da arte e de ciências humanas. Entre os autores e autoras que traduziu, encontramos Marguerite Duras, Terry Eagleton, Katherine Mansfield, Edward Said, Virginia Woolf, Susan Sontag, Henry David Thoreau e muitos outros. Bottmann costuma trabalhar para editoras como a Companhia das Letras, a L&PM e a antiga Cosac Naify. Embora tenha iniciado seus trabalhos com tradução nos anos 1980, foi apenas em 2005 que começou a se dedicar à atividade com mais constância.

Participante ativa em redes sociais e páginas na internet, Bottmann criou o blog *não gosto de plágio* em novembro de 2008. Por esse meio, denuncia fraudes de tradução e advoga pelos direitos autorais dos tradutores, mas também registra levantamentos e listas de tradução dos mais diversos autores, tradutores e editoras. Seus primeiros anos com o blog foram muito ativos: em 2010 já havia denunciado de 110 a 120 casos de plágio, atingindo 16 editoras. Mas as denúncias não se limitavam ao blog: em maio de 2009, por exemplo, Bottmann entrou com uma série de representações no Ministério Público Federal², relatando atividades suspeitas de plágio em diversas editoras — traduções já publicadas eram, então, minimamente alteradas e ganhavam novas assinaturas, por vezes até de tradutores que sequer existiam. Em setembro do mesmo ano, foi processada por uma das

¹ O currículo Lattes de Bottmann, atualizado em 18 de março de 2024 na data da consulta, lista 200 traduções de livros, incluindo alguns ainda no prelo, sem contar artigos, catálogos e outros textos, com data inicial de 1984. No entanto, o número real de traduções é ainda maior, visto que encontramos livros não listados na seção de publicações. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4979718236781288>. Acesso em: 2 set. 2024

² Entre as diversas notícias que relataram o caso à época, podemos citar a coluna publicada no site da editora L&PM, “Tradutora apela ao Ministério Público contra plágios e fraudes em traduções”, que reúne, inclusive, a reprodução da solicitação enviada ao Ministério Público. Disponível em: https://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805136&SecaoID=816261&SubsecaoID=0&Template=../artigosnoticias/user_exibir.asp&ID=828190. Acesso em: 2 set. 2024.

editoras denunciadas. O fato gerou uma onda de apoio da categoria, sendo que 3 mil tradutores e tradutoras firmaram um abaixo-assinado em sua defesa. A repercussão midiática do caso foi grande e trouxe como consequência positiva o fato de chamar a atenção para o ofício do tradutor no Brasil. O inquérito resultante das ações de Bottmann contribuiu para o reconhecimento, a visibilidade e a conscientização do trabalho dos tradutores no país, mesmo que muito ainda precise ser feito em termos de valorização profissional.

A pesquisadora e tradutora também compartilha abertamente suas reflexões sobre o tema em entrevistas para jornais e revistas acadêmicas. É bastante comum, por exemplo, ver declarações sobre seu processo de trabalho, os títulos traduzidos e suas percepções gerais sobre a profissão. Em uma entrevista dada à Folha de S. Paulo publicada em 2010, Bottmann comenta que sua atuação no campo de História da Tradução surge “[da] ideia de que a cultura não se constrói num estalar de dedos. O português é uma língua secundária, o Brasil é um país que depende essencialmente de tradução, quer dizer, a tradução não é só uma tradução. Basta pegar quem são nossos tradutores: Machado, Bandeira, Drummond, Cecília Meirelles” e ainda atribui o constante interesse à “formação de historiadora”. Por outro lado, distancia o lado pesquisadora da faceta de tradutora ao afirmar³ que não o encara como um fator de legitimação para o seu ato tradutório.

A ideia de que a tradução é uma parte fundamental para a formação de literatura traduzida e nacional no Brasil é, ainda, desenvolvida em outros momentos. Em 2013, em entrevista concedida ao blog *Nada de meias palavras*, Bottmann elabora a discussão:

O Brasil é um país de formação eminentemente traduzida. É impossível imaginar o país sem depender vitalmente de tradução, em todos os níveis, de bula de remédio e manual de instrução a tudo o que se tem de biologia, física, química, astronomia, filosofia, direito, sociologia, antropologia, economia, teologia, engenharia, matemática, informática, literatura, o que for. No Brasil, até *desenvolvemos* conhecimentos, mas a partir de bases previamente dadas e sempre dentro de uma dinâmica constante de renovação, que se dá sobretudo em plano internacional. A produção dessa base de conhecimento no mundo ocidental sempre se deu em outra língua que não o português — grego, latim, inglês, francês, alemão, mesmo árabe, e um pouco talvez em italiano e espanhol. E essa dinâmica científica, cultural, intelectual em sentido amplo, continua a ser abastecida basicamente em centros internacionais. Acho que a pergunta é: como seria o Brasil sem tradução?⁴

³ Entrevista concedida a Myllena Ribeiro Lacerda e Naylane Araújo para o programa *Enquadrando o Tradutor*, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, em 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7DBoynOLAK4>. Acesso em: 2 set. 2024.

⁴ “Especial Fim de semana: Entrevista exclusiva com a tradutora Denise Bottmann”, *Nada de meias palavras*, 18 de janeiro de 2013. Disponível em: <https://nadademeiaspalavras.wordpress.com/tag/nao-gosto-de-plagio/>. Acesso em: 2 set. 2024.

Assim, fica evidente o reconhecimento por parte da pesquisadora da importância da tradução no sistema literário brasileiro. Nesse sentido, é importante mencionar que, por vezes, Bottmann mantém blogs compartilhando reflexões sobre o seu próprio processo tradutório: “quando o livro é especialmente sedutor e a editora autoriza, gosto de criar um pequeno *blog* de acompanhamento da tradução, com links, materiais de pesquisa, problemas e situações do texto e assim por diante” (Bottmann, 2015). Entre eles, podemos destacar *traduzindo mrs. dalloway*⁵, *ao farol*⁶, *traduzindo mulherzinhas*⁷ e *traduzindo o pequeno príncipe*⁸. As três primeiras traduções saíram pela L&PM, respectivamente, em 2012, 2013 e 2015, e a última, pela editora Novo Século, em 2015. Essas discussões são abrangentes — por vezes, incluem apontamentos de aspectos específicos do texto ou ponderações que poderiam atrair apenas um público já interessado em questões de tradução e não leitores mais amplos, mas que se tornam um registro precioso de uma leitora e tradutora atenta. Em entrevista concedida à professora, pesquisadora e também tradutora Luci Collin em 2019, Bottmann, por exemplo, comenta que entender um texto passa por “entender as articulações daquela frase dentro da construção geral da obra, princípios estruturais e compositivos utilizados pelo autor” para, em seguida, “decifrar o texto original [...] e reconstituir essa decifração num outro texto e em outra língua”.⁹

No âmbito dos levantamentos de História da Tradução no Brasil, Bottmann preocupou-se em resgatar títulos que compunham coleções editoriais que marcaram época, como a Coleção Amarela, da Globo de Porto Alegre, a Rubáiyát, da José Olympio ou, ainda A Biblioteca do Leitor Moderno, da Civilização Brasileira. Ela também realizou inúmeros levantamentos da obra tradutória de figuras muito conhecidas pelos leitores, como Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Leonardo Fróes ou Mario Quintana, e outras menos conhecidas, como Primavera das Neves, Pepita de Leão etc. Outro tipo de pesquisa que costuma realizar é a minuciosa reunião de todos os títulos traduzidos e publicados de determinado autor ou autora. São artigos com listas como: Gustave Flaubert no Brasil, Giovanni Boccaccio no Brasil, Joseph Conrad no Brasil etc.

Quem se relaciona com Bottmann percebe facilmente o seu grande entusiasmo com as pesquisas no campo da tradução, não apenas as próprias, mas também as dos colegas e estudantes. Está sempre atenta aos projetos e às pesquisas que surgem, incen-

⁵ Disponível em: <https://traduzindomrsdalloway.blogspot.com/>. Acesso em: 2 set. 2024.

⁶ Disponível em: <https://aofaroldewoolf.blogspot.com/>. Acesso em: 2 set. 2024..

⁷ Disponível em: <https://traduzindomulherzinhas.blogspot.com/>. Acesso em: 2 set. 2024.

⁸ Disponível em: <https://traduzindoepenoprincape.blogspot.com/>. Acesso em: 2 set. 2024.

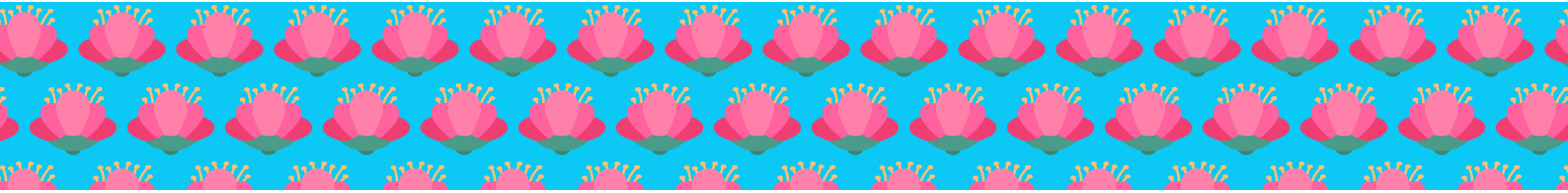
⁹ “Entrevista”, *Não gosto de plágio*, 22 de junho de 2024. Disponível em: <https://naogostodeplagio.blogspot.com/2024/06/entrevista.html>. Acesso em: 5 set. 2024.

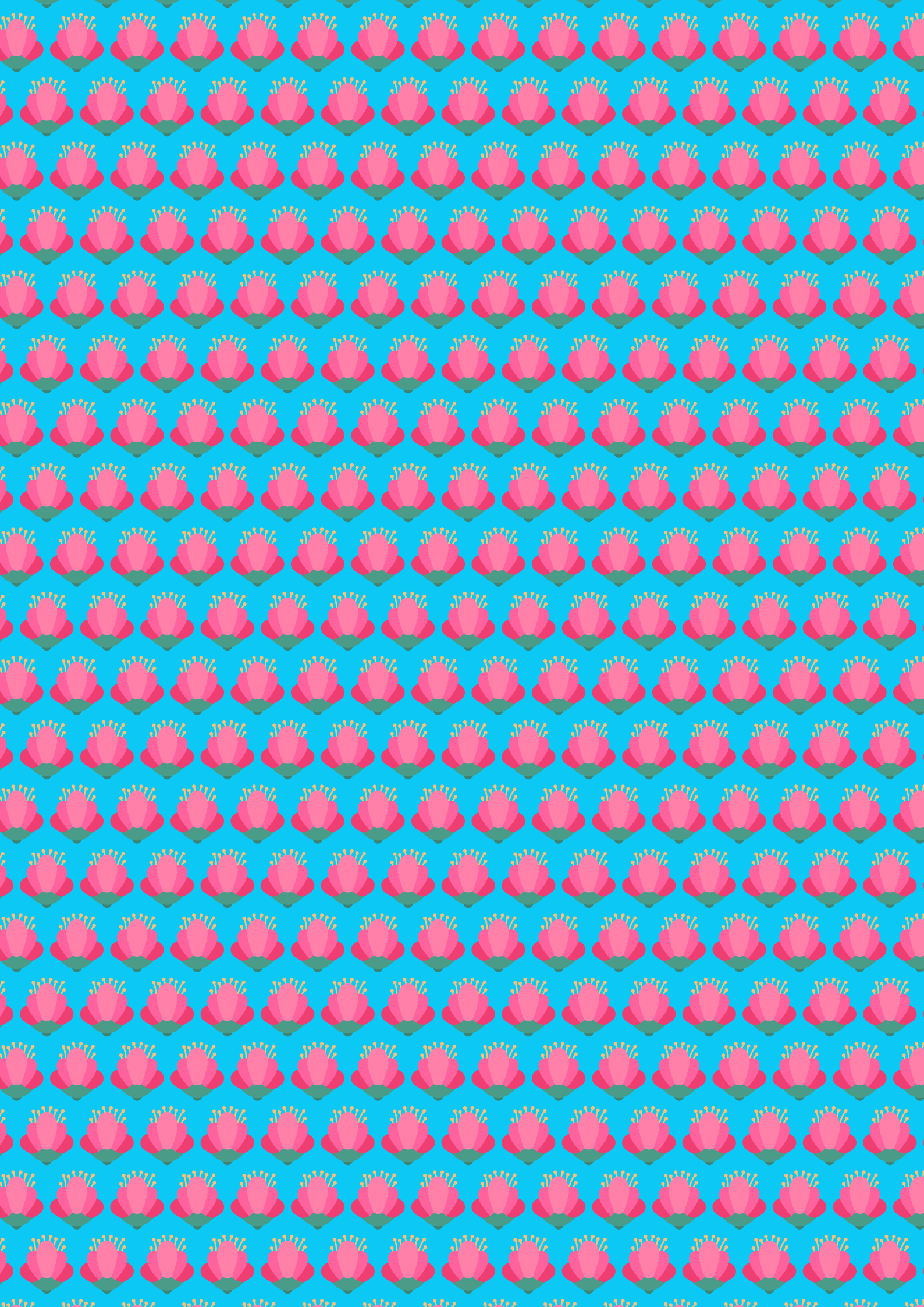
tivando, divulgando em suas redes e oferecendo observações construtivas. Vários dos depoimentos reunidos para esta homenagem são testemunhos de sua generosidade e gosto pelo trabalho em equipe. Bottmann, portanto, mostra-se como uma voz expressiva e relevante para compreender os rumos na História da Tradução do Brasil. Suas diferentes contribuições, sejam em blogs e redes sociais, sejam em entrevistas ou publicações em revistas acadêmicas, demonstram uma percepção apurada do que foi e é produzido no país em termos tradutórios, além de suas próprias contribuições como tradutora, que lhe rendeu prêmios e indicações como o Prêmio Paulo Rónai de tradução em 2013 e o 3º lugar no Jabuti de tradução em 2014 por suas traduções de *Mrs Dalloway* (2012) e *Ao Farol* (2013), de Virginia Woolf.

Este número especial da *Qorpus* deseja homenagear o trabalho e a figura de Denise Bottmann aproveitando a ocasião de seu aniversário de 70 anos, cumpridos em 15 de novembro. Para isso, fizemos esta espécie de síntese de sua trajetória até aqui, reunimos depoimentos de amigos, colegas e admiradores e publicamos uma entrevista realizada por Luci Collin em 2019.

Myllena Ribeiro Lacerda
Marlova Gonsales Aseff

TRADUÇÕES



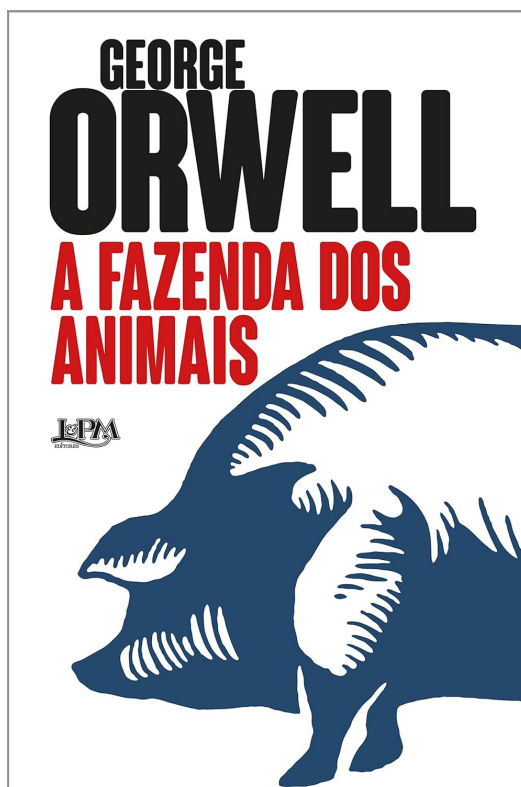


Algumas traduções de Denise Bottmann

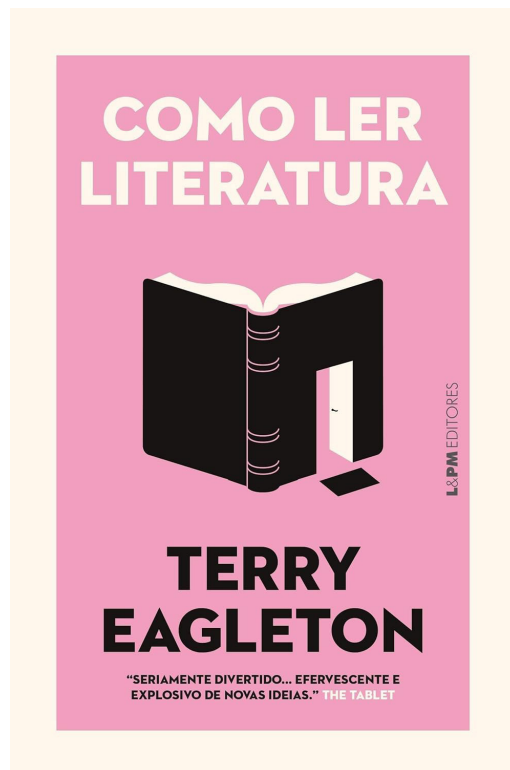
Will Gompertz, *Como os artistas veem o mundo*. Zahar, 2023.



George Orwell, *A fazenda dos animais*. L&PM, 2021.



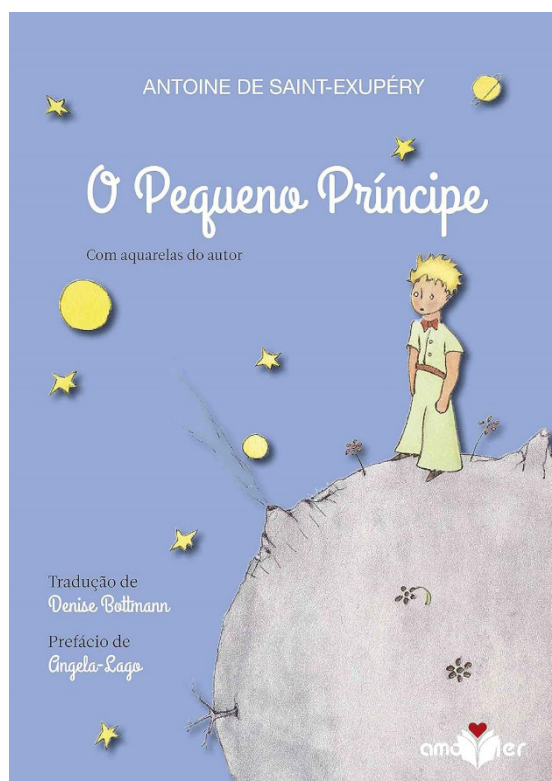
Terry Eagleton, *Como ler literatura*. L&PM, 2017.



Louisa May Alcott, *Mulherzinhas*. L&PM, 2016. [Cotradução com Federico Carotti]



Antoine de Saint-Exupéry, O pequeno príncipe. Novo Século, 2015.



Virginia Woolf, *Ao farol*. L&PM, 2013.



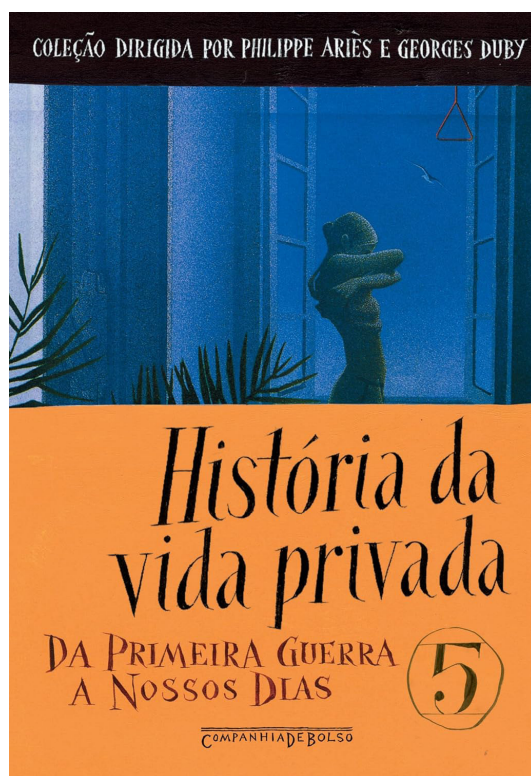
Virginia Woolf, *Mrs. Dalloway*. L&PM, 2012.



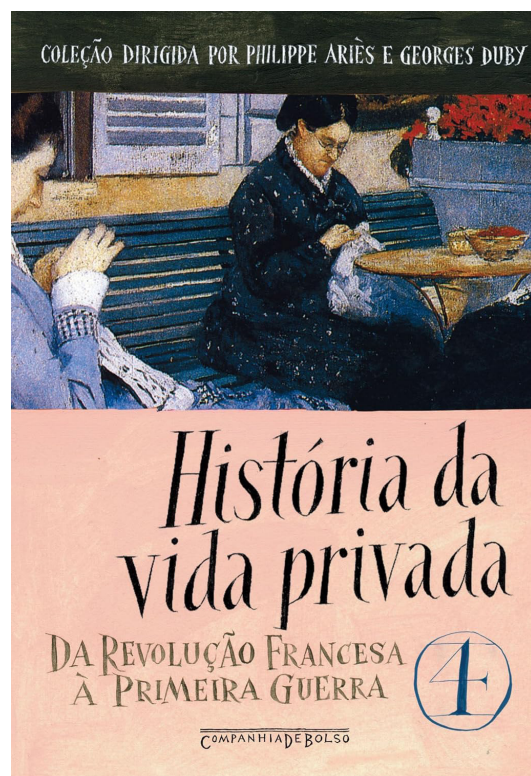
H. D. Thoreau, *Walden*. L&PM, 2010.



Philippe Ariès e Georges Duby (org.), *História da vida privada*, v. 5. Companhia das Letras, 1992. [Cotradução com Dorothée de Bruchard]



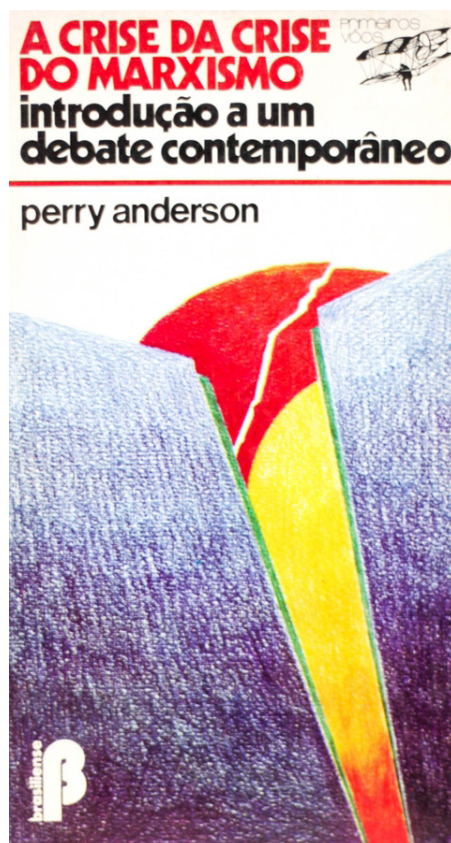
Philippe Ariès e Georges Duby (orgs.), *História da vida privada*, v. 4. Companhia das Letras, 1990. [Cotradução com Bernardo Joffily]



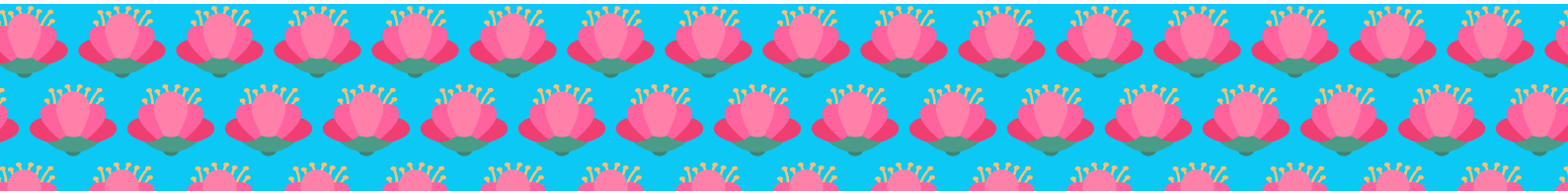
Hannah Arendt, *Homens em tempos sombrios*. Companhia das Letras, 1987.

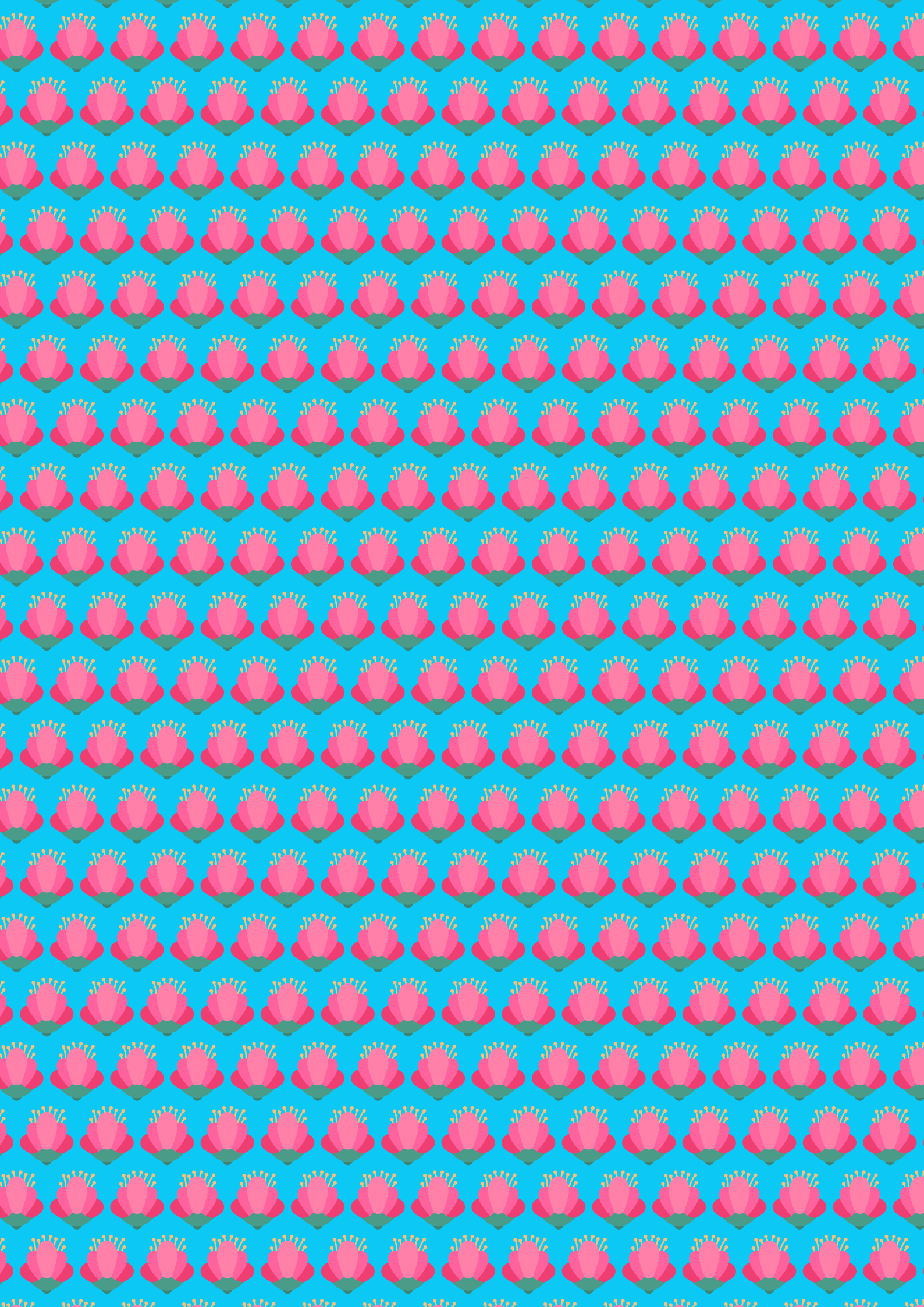


Perry Anderson, *A crise da crise do marxismo*. Brasiliense, 1984.



ENTREVISTA





Entrevista com Denise Bottmann realizada por Luci Collin em 2019

Luci Collin

Universidade Federal do Paraná (UFPR)



Denise Bottmann. Imagem: Federico Carotti

Qorpus - Vamos começar com dados biográficos, com uma breve retrospectiva, incluindo as suas primeiras leituras...

Denise Bottmann (DB) - É curioso fazer um apanhado retrospectivo assim. A gente nunca sabe bem o que está vivendo enquanto está vivendo aquilo, não é mesmo? Depois as coisas se amontoam e, olhando para trás, mesmo que num recorte bastante relativo, as coisas parecem adquirir uma consistência, uma possibilidade de caracterização que não tinham na época.

Nasci mais de sessenta anos atrás, em 1954. Então, naquela época, nem televisão tinha na maioria das casas. Era jornal, revista, rádio, vitrola, livro. Acho que meus pais compraram uma televisão só em 1960 ou 1961, e eu assistia só uma hora por dia, e era aquele programa infantil com a Cidinha Campos, às quatro da tarde.

Com sete anos, peguei sarampo e fiquei uma semana de cama. Meu pai, que era um doce de pessoa, já no segundo dia passou na Biblioteca Monteiro Lobato, lá na Vila Buarque, em São Paulo, e tirou um livro para mim. Era *As reinações de Narizinho*. Eu já sabia

ler, claro, estava no segundo ano primário, mas era o primeiro livro-livro, parecia até um catatau, com aquela capa dura e folha grossa, que deixava ele bem volumoso. Nossa, tracei o livro; no outro-outro dia meu pai devolveu na biblioteca e trouxe outro, também do Monteiro Lobato – não lembro bem qual, mas tinha o Visconde de Sabugosa na capa. No sexto dia, veio mais um livro, e esse nem sei qual foi. Mas a partir daí virei leitora compulsiva. Por sorte, em casa, mesmo a gente não tendo muitos recursos, havia uma bibliotecazinha bem razoável. E existiam na época umas coleções infantojuvenis bem legais, *Trópico Ilustrado*, *Tesouro da Juventude*, mesmo a *Biblioteca Larousse*, que dava para ler e reler. No final de semana, com a mesadinha que eu ganhava, ia na banca de jornal e comprava revistinha. Além disso, mesmo já com televisão em casa, à noite a gente não assistia, mas ficava conversando, jogando algum jogo de baralho ou palitinho e fazendo palavra cruzada! Eu adorava fazer com meu pai porque ele fingia que não sabia alguma palavra e me dizia para ir procurar no dicionário. Então dicionário sempre foi uma coisa muito amiga para mim, desde menina.

Bom, depois dessa fase inicial, o mais marcante foi mais ou menos a partir do terceiro ginasial, com uns doze anos de idade: o colégio onde eu estudava, o Rio Branco, tinha uma biblioteca que foi meu encanto por muito tempo. A gente tinha de pedir o livro no balcão, para a bibliotecária, que ia pegar na estante. Sei que, depois de um tempo, ela me deixava entrar sozinha e percorrer as prateleiras, para escolher o que quisesse.

Em suma, lia muito, basicamente literatura, desde Mika Waltari, Vicki Baum, Somerset Maugham, Jorge Amado, José Mauro de Vasconcelos a Kafka, Maupassant (que era da minha mãe e ela me proibia ler, pois dizia que eu era muito menina para aquilo, mas eu lia escondido mesmo assim), Tchekhov num volume lindo de contos que minha tia-avó me deu no meu aniversário de doze anos, até um Thomas Mann lá de casa que não dei conta de acabar, *Os Buddenbrook*. Mas não só; adorava mitologia, história geral e ganhei dois volumes maravilhosos sobre mitologia, um do Thomas Bulfinch, bem famoso, o outro não lembro. Li umas oitocentas vezes cada um deles.

Claro que, a essas alturas, meu português era bem razoavelzinho, sentia-me à vontade na língua, com facilidade de escrever. Mas não que desse muito para exercer meus pendoros literários nas aulas propriamente ditas, porque era tudo na base da decoreba: história, geografia, matemática, ciências, inglês, francês e mesmo português. Nas aulas de português, a parte de leitura era, com uma tediosa previsibilidade, Machado de Assis (o de *Helena* e *Iaiá Garcia*, e não *Brás Cubas* ou *Memorial de Aires*, que hoje em dia é meu favoritão do Machado), José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Castro Alves, Olavo Bilac... Redação, só uma vez por semana.

Em paralelo, uma coisa que estava sempre presente em casa eram as línguas estrangeiras: minha mãe dava aulas de inglês para alguns alunos particulares, meu pai sabia alemão e às vezes ficava praticando a escrita gótica clássica, minha irmã tinha o Yazigi e o Nancy. E veja como é bizarra essa coisa de família: todos tão envolvidos em línguas e eu fugia das aulas de inglês na escola pedindo dispensa, alegando que já sabia muito inglês por causa da minha mãe (o que, claro, não era nem remotamente verdade); a única coisa que eu sabia em alemão era contar até dez; passei anos implicando com francês, cabulando todas as aulas que conseguisse, até ficando de segunda época...

Tudo isso na época do ginásio. Aí escolhi o clássico e, por alguma razão súbita e misteriosa, apaixonei-me pelo francês. O professor, que era o mesmo do ginásio, nem acreditou e dava risada. Virei ótima aluna de francês. E lá ia de Racine, Chateaubriand, Hugo, Verlaine, e a gente tinha de decorar os poemas em casa para recitar na chamada. Quase cinquenta anos depois, ainda me lembro da diversão que era enrolar a língua nos “l” para recitar *les sanglots longs des violons de l’automne*. E Baudelaire, claro, o grande preferido do nosso professor: era uma enxurrada de Baudelaires, e na esteira Rimbaud, com uns Villiers d’Isle-Adam de lambugem no meio.

No clássico tinha latim também. Esta é uma das grandes decepções da minha vida. Foi o professor mais deprimente que já conheci, triste, cansado, desanimado, sempre com o ar mais infeliz da face da terra. Três anos que não serviram para quase nada. Melhor nem lembrar. Uma lástima. Em três anos, se chegamos no ablativo absoluto, foi muito.

Mas, na verdade, na escola sempre fui da chamada “turma do fundão”. Ria, conversava, colava nas provas daquelas matérias mais infernalmente tediosas, cabulava aula indiscriminadamente, até chegar no limite máximo de faltas, e ia jogar pingue-pongue no grêmio, que ficava no térreo. Paixão por alguma matéria só tive duas: geografia com um professor que era incrível e foi o único ser no ginásio que me levou a pedir para uma colega que sentava bem na frente para trocar de carteira comigo durante as aulas dele. Pena que foi só um ano. E francês, já no clássico.

Quanto ao inglês, fui fazer fora. Muitas coleguinhas faziam a Cultura Inglesa, que ficava perto, ali em Higienópolis. Meus pais me resolveram pôr na UCBEU (União Cultural Brasil-Estados Unidos), que era longe, numa paralela da Paulista, tinha de tomar ônibus, mas minha mãe adorava o inglês americano: ela tinha feito o Bennett no Rio de Janeiro, e acho que foi por isso que resolveu me botar na União Cultural. Não foi nenhuma grande paixão, mas fiz lá até o começo do intermediário (o avançado foi só anos depois, em Curitiba).

O grande marco nessa rotina escolar foi o cursinho. No último ano do clássico, fui fazer

o semi no Equipe, que na época ainda era só cursinho para prestar vestibular. Nossa, que revelação. Foi todo um novo mundo se abrindo para mim.

Mas antes deixa eu contar um detalhe. Outro dia, uns seis meses atrás, pelo mais fortuito dos acasos, encontrei um caderno meu do primeiro clássico, do curso de inglês. Imagine só que fundo de baú! Bom, folheando, sabe o que tinha lá? O caderno era dividido com folhas dobradas separando os temas das aulas: gramática, exercícios, versão e tradução. E lá encontrei três traduções de três contos que o professor tinha dado como lição de casa para a gente fazer. Não lembro onde pus de volta o caderno; senão, eu pegava e ia ver de novo os nomes dos contos; só sei que um deles era, veja só, *A mão do macaco*, do William Jacobs – em suma, eram legais, e a tradução, que reli nesses meses atrás, parecia bem normalzinha, corretinha. Quer dizer, naquela época a gente praticava tradução pelo menos desde os catorze anos de idade. Fazia parte do curso, fazia parte das lições de casa. Tipo, coisa normal, quase trivial.

Mas voltando ao Equipe. Foi lá que tive meu primeiro emprego na vida; isso foi em 1971: eu tinha 16 anos, escrevia bem, e o Gilson Rampazzo, professor de redação do cursinho, me convidou a me juntar com seus assistentes que liam, corrigiam e atribuíam conceito às redações da moçada. Foi lá que então comecei a trabalhar com o Carlinhos e o Zé Antônio - José Antônio Arantes, que veio a se tornar sensível e exímio tradutor.

O Zé trabalhava de revisor na Edgard Blücher e resolveu sair de lá. Então me deu o toque de que ia abrir a vaga, e lá fui eu bater à porta da editora. Me apresentei, fiz teste, passei e fui contratada a título de experiência. A Blücher é uma editora técnica, e eu tinha feito clássico: nada de matemática, física, química ou biologia, a não ser o que se aprendia no ginásial. Imagine! Mas era para revisão da segunda prova e aí o importante eram o português, a atenção e a capacidade de concentração.

Fiquei encantada em aprender coisas do ofício - basicamente as marcações, que não conhecia - e decorar palavras às quais eu devia prestar a maior atenção, que era onde mais passavam as gralhas: nunca me esqueci da biorrefringência (naquela época já era com dois erres e tudo junto, e a atenção que a gente tinha de prestar era no “n”, pois parece que os gráficos viviam imprimindo “biorrefringência”). Se eu pegasse alguma biorrefringência e pedisse um “n”, meu período de experiência estaria no papo, me diziam os colegas.

Fiquei uns dois meses na Edgard Blücher e então saí, por nenhuma razão em especial, talvez por ter em mim uma espécie de bicho-carpinteiro que não me deixava parar por muito tempo em lugar nenhum (mas só depois vim a constatar essa minha tendência) ou por não me sentir especialmente motivada em revisar livros cujo conteúdo transcendia

meu entendimento e que eu não tinha a menor esperança de algum dia vir a apreciar, como merecem ser apreciados todos os livros que a gente lê.

Depois fiquei sabendo que a Abril, que na época era o máximo, ia fazer um teste de revisão. Fiz, passei e entrei como *trainee*. Lá foi sensacional como experiência, embora eu tenha cumprido apenas meus trinta dias e depois puxado o carro. Mas fundamental mesmo foi a Editora Perspectiva, onde fui trabalhar um pouco depois. Foi maravilhoso. Pois contato com o mundo editorial faz muita diferença, toda a diferença, na verdade: você começa a entender o que é um livro.

Nesse meio tempo, entrei na faculdade, na USP, em ciências sociais. Mas era uma coisa deprimente. Isso foi em 1972, maior perseguição política, vários professores exilados, falta de cursos, banheiros pichados de cima a baixo com palavras de ordem e de resistência, coisa e tal. Pedi transferência para o curso de filosofia. Muito chatinho; um professor jovem, pernóstico, entochando *As palavras e as coisas* do Foucault naquela turminha de 17-18 anos. Sem chance, larguei. No ano seguinte tentei de novo; havia um curso novo, que estavam criando naquele ano, de semiótica. Mas nem cheguei a frequentar.

Larguei mão da faculdade, virei macrobiótica, fui morar em comunidade, essas coisas, e aí acho que foi que fiz minhas primeiras traduções do inglês que vieram a ser impressas, voluntárias, claro: um manual de shiatsu e breves artigos para a revista *Satori*, que o prof. Tomio Kikuchi, o grande *sensei* da tchurma, mantinha.

Ou seja, por alguns anos, foi um tal de entrar e sair de faculdade, de pegar mochila e viajar; então fiquei em Curitiba um tempo. Aos 20 anos casei, fomos morar na África (Guiné-Bissau, ambos muito idealistas), tivemos nossa filha, voltamos uns anos depois para o Brasil, retomei a faculdade, separei. É dessa época, 1979-80, que data meu interesse mais constante em tradução. Traduzia poetas que amava (Eliot, por exemplo), e na época andava lendo freneticamente o Debord, Guy Debord, e textos da Internacional Situacionista. Aí, um dia – eu assinava um jornal baiano chamado *O inimigo do rei* – resolvi enviar um textinho do Debord para eles, que traduzi do espanhol. Pois veja: era bem mais pobrezinho o setor editorial naquela época, sob tantos anos de ditadura militar; coisas mais tchans nem se publicavam muito, então muita coisa nova, importante, a gente só encontrava em edições importadas. Havia muitos livros em espanhol, importados sobretudo da Argentina, mas também do México, que eram mais em conta e em maior variedade do que outros importados, disponíveis, por exemplo, na Livraria Francesa. Enviei o texto para o *Inimigo*; publicaram, e traduzi mais alguns. Aí alguém de lá me escreveu avisando que tinham criado uma dissidência e estavam com uma revista, a *Barbárie*. Para a *Bar-*

bárie colaborei com mais algumas traduções voluntárias, sempre de textos situacionistas. Então acho simpático esse começo quando essas minhas traduções começaram a sair: entre macrobióticos e anarquistas, veja só!

Depois fui fazer pós, em Campinas, em 1982, e lá traduzi bastante para uma revista que resolvemos criar, a *RH – Revista de História*; traduzi Lefort, Hayden White e outros, sempre na maior “pirataria”. Não pensávamos em termos de pirataria, nem passava pela cabeça. Se era um texto legal, importante para a área (História, no caso), a gente traduzia e publicava, e pronto. Um dia, me liga uma amiga de São Paulo, a jornalista e tradutora Fátima Murad, que me disse: “Olha, a Brasiliense me ofereceu um livro, mas estou com muito trabalho e não vai dar para pegar. Posso te indicar? Você tem interesse?”. Falei que sim. Bom, então fui até São Paulo, até a Brasiliense, peguei um teste, fiz, passei e fiquei incumbida da tradução: era o livrinho do Perry Anderson, que saiu em 1984 com o título de *A crise da crise do marxismo*. Aí a coisa na Brasiliense engatou: a seguir veio o Wallerstein, depois mais uma meia-dúzia de outros. Havia grande carência de textos historiográficos que eram muito apreciados lá pelo pessoal do departamento, e Edgar De Decca e Michael Hall me apresentaram ao Marcus Gasparian, da Paz e Terra, que estava com a importantíssima obra do Thompson parada lá, precisando de alguém da área para traduzir: *The Making of the English Working Class*. E também nessa época o Luiz Schwarcz estava saindo da Brasiliense para criar a Companhia das Letras e me chamou para ir para lá; isso em 1985. Também fiz algumas coisas nesses anos para a EdUSP e para a editora da Unicamp, bem legais – em suma, sempre textos basicamente acadêmicos, para o público universitário. O leque se ampliou um pouco na Companhia das Letras, passando a traduzir também de outras áreas das humanidades, , do inglês, do francês, do espanhol, do italiano.

Nesse meio tempo, na faculdade, minha tese de doutorado – sobre teoria do conhecimento e modelos explicativos em historiografia - seria uma tradução anotada e comentada da *Scienza Nuova*, de Giambattista Vico, que então era inédita no Brasil. Fiz uma boa parte, com muita leitura de apoio em paralelo. Acabei nunca defendendo, mas foi uma experiência sensacional, que depois se revelou muito importante no tipo de abordagem muito analítica, muito sistemática que me parece indispensável para uma tradução minimamente razoável.

Mas depois, lá por 1995, parei de traduzir. Tinha me mudado com meu companheiro, o Federico Carotti, para Registro, no Vale do Ribeira, e mesmo da Unicamp pedi a conta em 1996 (a essas alturas, desde 1983 eu dava aulas lá, no Depto. de Filosofia, na área de Teoria da História e Epistemologia das Ciências Humanas). Ai, depois de 1995, passei dez anos sem traduzir nada.

Qorpus - Agora, voltemos à tradução. Depois de 10 anos sem traduzir, você voltou ao ofício. Por que essa pausa? Como se deu esse retorno?

DB - Somente em 2005 voltei a pôr a mão na massa, e meu retorno à tradução foi pela Cosac Naify, com o Franco Moretti, e lá comecei também a fazer coisas maravilhosas de história da arte, como Roberto Longhi e Matisse. De lá para cá, a tradução se tornou minha atividade profissional exclusiva, com esse foco mais variado, abrangendo a área de humanidades em acepção ampla, e não só história ou historiografia, nem coisas exclusivamente acadêmicas. Foi na Cosac, aliás, que fiz minha primeira tradução literária, se bem me lembro: *O amante*, de Marguerite Duras.¹ Eu conhecia razoavelmente bem a obra dela e, mesmo meio temerosa, aceitei a proposta.

Assim, se virei “tradutora multifacetada”, como vocês dizem, foi algo meio gradual, que sentia que dava para ir incorporando conforme sentia maior segurança no ofício. E a gente, quando é tradutora profissional e mais ou menos especializada em determinadas áreas, pega um leque de autores de qualidade bastante variada. Em geral, não somos nós que indicamos ou escolhemos os livros nas editoras: quer dizer, você recusa se está entupida de trabalho ou se não domina aquele assunto ou se é algo meio brutal que dá nó nas tripas ou sobre algo com que você não tem a menor afinidade. Então a gente acaba não tendo um gênero preferido – o preferido, nessa ampla variedade, é o que mostra qualidade, seja o autor um teórico da pintura, um historiador, um romancista, um crítico literário ou um biógrafo. E qualidade, para mim, tem a ver com uma mescla sábia, discreta, sutil entre simplicidade e complexidade. Textos triviais costumam ser chatésimos de traduzir, sejam eles de literatura ou de, sei lá, epistemologia. São chatésimos porque dão sono, entediam, despertam vivas réplicas e objeções mentais frenéticas.... Pois claro que a gente, ao traduzir, está é tentando entender e acompanhar o raciocínio do autor ou, em literatura, o método compositivo dele. Os interessantes são aqueles cuja temática, evidentemente, não pode ser totalmente desconhecida para a gente. Um mínimo de desenvoltura na área a gente precisa ter. Mas, voltando, os interessantes são aqueles em que a gente aprende coisas novas, vê uma nova perspectiva dada àquele tema, entra em contato com uma nova interpretação do assunto, e que colocam algum tipo de – detesto o termo, mas vá lá – “desafio” intelectual. Então, naturalmente, claro que você fica dialogando com o autor; se não entende direito o raciocínio, obriga-se a voltar quantas vezes forem para entender melhor o argumento. Não é só entender o que está escrito, as palavras ali impressas; é entender o sentido daquilo e dentro daquele recorte ou daquela proposta do autor. E nunca, nunca,

¹ Minto. Relendo o texto, lembrei que fiz a tradução de *Dáfnis e Cloé* de Longo, a partir da clássica tradução francesa de Pierre Grimal, para a Papyrus de Campinas, em 1990.

jamé dá lavi, você vai achar que é você quem sabe. A gente está ouvindo, por assim dizer, e tentando acompanhar de fato o desenvolvimento da coisa. A gente não é autor; a gente é, digamos, um tipo especial, muito atento, de leitor. Ou como quando você vai ao teatro: você assiste à peça, pode gostar, pode não gostar, pode entender, não entender, entender mais ou menos e pode recontar tudo aquilo com suas palavras, mas não foi você que fez aquilo. Traduzir, para mim, é meio isso. E “direito autoral”, claro que você tem, até por força de lei, mas esse direito autoral é sobre o texto traduzido, sobre aquela coisa que você passou pela sua cabeça e pôs em português, não sobre os dados, a trama, a estrutura argumentativa etc. – tal seria! Somos “autores de obra derivada”, este é o termo jurídico da coisa. Por isso também acho meio bocó falar em “recriação”, “transcrição” etc. O que a gente mais tem numa tradução são limites, e bastante férreos. Tradução às vezes é meio parecida com sudoku.

Qorpus - Poderias então comentar o conceito de tradutor que melhor representa o seu fazer profissional e também os múltiplos conceitos de tradução, como, por exemplo, o proposto por Haroldo de Campos, muito invocado pelos tradutores criativos?

DB - Criar, recriar, transcriar? Desculpe, acho isso mais palavrório bonito do que qualquer outra coisa, uma espécie de fazer da necessidade virtude e criar umas lantejoulas em torno, ou uma maneira de expressar um (justo) orgulho pelo trabalho feito. Mas, por falar nisso, tirando o tom às vezes meio *farfelu*, meio empetecado e precioso, gosto bastante, muito até, de algumas, muitas até, considerações do Haroldo de Campos. De todo modo, criação é criação, tradução é tradução. Não considero tradução, nem a mais sublime de todas, “arte”; tradutor não é artista, é artesão.

No fundo, em tradução você pode fazer qualquer coisa e justificar como bem quiser, ou mesmo achar que não há nada a justificar – “Onde já se viu, justificar! É minha liberdade!”. Mas nem sempre a gente acha umas coisas muito convincentes. Claro que posso traduzir *The book is on the table* por, sei lá, *Alberto escorregou e caiu no rio* ou *O cometa Hailey é visível a olho nu* – nada me impede. Mas não sei se, traduzindo assim, vou conseguir, em primeiro lugar, pagar as contas no final do mês. A menos, claro, e é sempre uma hipótese possível, que eu desenvolva uma belíssima e abstrusa teoria explicando ao comum dos mortais o misterioso processo de reencarnação do verbo e fique famosa dando palestras remuneradas. Quer dizer, nesse sentido, traduzir é uma coisa que chega a ser caótica de tanta liberdade que você tem. Por outro lado, a gente é a gente, né? E cada um tem um jeito de pensar e de entender as coisas. Então creio que a grande, a grandíssima

maioria traduziria *The book is on the table* por *O livro está na, sobre a, em cima da mesa*. Porque existe essa coisa danada que insistem em impingir na gente desde pequenininha, ou com a qual nossa mente vem até ingenuamente estruturada, que é a tal da estrutura da linguagem, sem contar essa coisa incrível, fenomenal, que chamam de “sentido”. Mas enganam-se os teóricos, mesmo os que acho menos escalafobéticos, quais sejam, os de alguma corrente funcionalista de tipo descritivista, que – vi uns meses atrás um artigo muito bom, pena que não lembro o nome – tratam a questão pegando por esse lado da nossa formação, desse nosso intelecto que tem uma certa padronização desenvolvida ao longo dos anos, com um trabalho lógico quase que automatizado, que funciona quase que intuitivamente, isto é, não de maneira analiticamente decupada, para o ato de entendimento e transposição de uma língua para outra – nesse artigo, o autor comentava que esse processamento mental era o que fornecia os resultados preliminares durante uma tradução, que a seguir são reformulados a uma segunda, terceira leituras. Hmmm, não sei se é bem assim. Seria longo discorrer sobre o que penso a respeito, mas posso lhe dizer que, mesmo que a gente tenha essa espécie de automatismo mental – e temos, sim –, o tradutor mais experiente, ou talvez mesmo não muito experiente, mas atento e sensível, não se deixa tanto arrastar por ele. Aliás, que graça teria? O que vejo é uma longa série de fatores que entram em consideração antes de você traduzir até mesmo um *The book is on the table* por *O livro está na, sobre a, em cima da mesa*. A gente não é tão ingênua assim. Pode se sentir autorizada a esse tipo de tradução dependendo do andar da carruagem, digo, do andamento do texto original. Mas o processo de crivo, de seleção, de escolha específica dentro daquele texto determinado – mesmo que se dê de maneira muito rápida, quase instantânea – ocorre antes mesmo de termos tempo de escrever ou digitar uma letra que seja. Aí, claro, a elaboração é contínua, constante, ininterrupta. É fascinante se você parar e pensar na máquina velocíssima que é nosso cérebro. E aí entram sucessivos e infindáveis fatores adicionais, à medida que o texto avança, e claro que com efeitos de retroalimentação para o que já foi formulado previamente, que poderia estar determinando o andamento adotado até aquele momento, mas aí, com o surgimento desses outros fatores, esse andamento não só se altera retrospectivamente, mas o “padrão” que se estabeleceu nessa fase anterior se modifica para o andamento subsequente. É um trabalho mental, só isso. E no qual é melhor você saber do que não saber o que está fazendo: é o que chamo de “tradução refletida” – e refletida não só *a posteriori*, durante releituras e revisões, mas antes (mesmo que numa fração infinitesimal de segundos a cada micro-ocorrência) e durante o próprio ato de traduzir.

E é um gosto – esse trabalho mental não só é muito interessante como fenômeno fisiológico, mas como atividade cerebral bem peculiar. Acho que os neurônios gostam, não enjoam da brincadeira. Aliás, uma coisa que acho muito linda no Manuel Bandeira – profícuo tradutor, e com algumas traduções realmente magníficas – é que traduziu até morrer. Então, penso meio assim: quem tem isso no sangue, quem gosta de traduzir, das charadas mentais que tem de resolver, faz isso a vida toda – com intervalos maiores ou menores, mas faz. E, podendo, quer dizer, não tendo problemas de saúde que prejudiquem a atividade, faz mesmo até o fim.

Qorpus - Como tem, na sua avaliação, sido o percurso do tradutor no Brasil? Você tem um site que é uma referência para todos nós, Não gosto de plágio, e tem sido uma figura central na luta pela visibilidade e pelo reconhecimento do tradutor.

DB - Então imagine só: desde pequena lendo bastante, desde menina aprendendo tradução na escola, já grande traduzindo, depois virando profissional do ofício, depois ainda sentindo grande interesse pela história da tradução no Brasil, de repente você chega e vê um saque descomunal, na maior desfaçatez, com puros intuitos mercantilistas, a um tesouro bibliográfico. Vá lá que nem é um grande tesouro, pois o desenvolvimento de um setor editorial no Brasil, minimamente consolidado e consistente, começou não faz nem cem anos...

Pois então imagine se é possível uma coisa dessas: a pessoa lá suando as estopinhas, esforçando-se, o livro saindo, sendo lido, incorporado à bibliografia traduzida brasileira, vem um desqualificado qualquer e mete a mão? Não tem como: obras de tradução feitas por, sei lá, centenas de pessoas, desde Carlos Porto Carreiro, Jamil Almansur Haddad, Lúcia Miguel-Pereira, Leonor de Aguiar, Boris Schnaiderman, Brenno Silveira, Gulnara Lobato, Araújo Ribeiro, Jacó Guinsburg, Erwin Theodor Rosenthal, Lúcia Junqueira Smith, Lúcio Cardoso, Lívio Xavier, Wilson Velloso, Primavera das Neves (Vera Pedroso), o próprio Manuel Bandeira que mencionei há pouco – até o Odorico Mendes, que a certa altura virou “Alex Marins”! E dezenas e mais dezenas de outros. Tudo, tudo surripiado e saindo em nome de terceiros, reais ou fictícios, só para a editora pular uma etapa, delicada e morosa, do processo de edição de um livro e economizar uns tostões. Não tem como ficar quieto, deixar passar batido. Por isso nasceu o *Não Gosto de Plágio*, o blog que criei na esteira da ativa movimentação de um grupo de tradutores revoltados com tais descobertas (iniciadas, diga-se de passagem, por Ivo Barroso, Alfredo Monte e Saulo von Randow Jr.). No *Não Gosto*, a intenção era – e continua a ser – defender nosso patrimônio cultural apresentando cotejos comprobatórios e denúncias dessas falcatruas com divul-

gação na imprensa, em cartas a departamentos de universidades desse Brasilão afora, em contatos com editoras, livrarias, tradutores lesados, nos raros casos que ainda eram/ são vivos, ou com seus sucessores, além de ingressar com pedidos de representação junto aos Ministérios Públicos Estaduais de São Paulo e do Rio de Janeiro e mesmo junto ao Ministério Público Federal. Um fuzuê.

Pois uma questão fundamental é que nosso patrimônio cultural, na parte da letra impressa, passa necessariamente, eu diria até fundamentalmente, por obras de tradução. Devido à posição historicamente dependente, periférica do Brasil e, antes disso e em nível mais fundamental, à própria posição bastante secundária de Portugal e da língua portuguesa na produção do conhecimento ocidental em termos gerais, seja nas ciências, na filosofia ou na literatura, a possibilidade de acesso social aos mais variados ramos de conhecimento, para além do poliglotismo, dependia – muito mais do que em outros países, como a Inglaterra, a França ou a Alemanha, entre outros – da atividade de tradução, da transposição daqueles conteúdos para o idioma nacional, no caso o português lusitano. E no Brasil, ainda mais, evidente. Então não é que fosse uma meia-dúzia de *Sabrinas* de banca de jornal. Estamos falando de obras indispensáveis para a formação básica de um mínimo de bagagem humanista: Aristóteles, Platão, Santo Agostinho, Maquiavel, Locke, Hobbes, Pascal, Descartes, Kant, Darwin, Weber, Von Ihering, sem falar de teatro e literatura, com Sófocles, Shakespeare e tudo o que se possa imaginar entre os canônicos e mesmo não canônicos. Calculo uns vinte milhões de exemplares com traduções espúrias em lares e em bibliotecas públicas, de escolas e universidades. E se você pensar que livro não é propriamente uma laranja, quer dizer, não é perecível, calcule quantas e quantas décadas muitos e muitos milhares de pessoas passarão lendo, estudando, citando tais edições (e muitas vezes estropiadas, para tentar disfarçar a apropriação)... Dá raiva e dá dó.

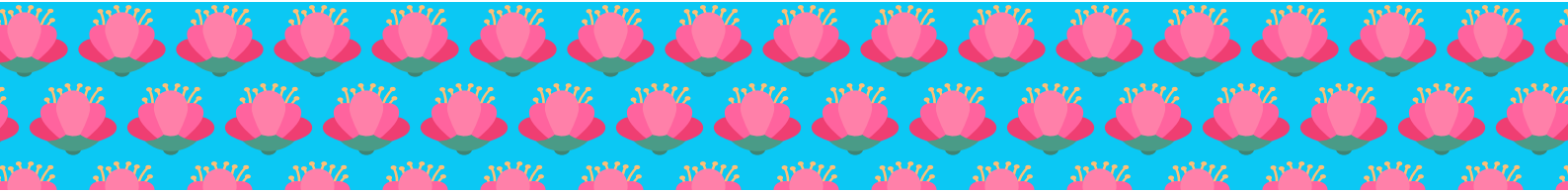
Felizmente, depois de tanto berreiro e vários anos de alertas e denúncias, os meliantes andaram metendo um pouco a viola no saco. Algumas editoras cessaram completamente com a prática, e até retiraram as obras de circulação. Outras vêm cessando gradualmente, embora mantenham várias das obras espúrias ainda em circulação. E de vez em quando ainda descubro uma ou outra sapequice dessas em alguma pequena editora. Em todo caso, a situação nem se compara à de dez anos atrás, que vinha vicejando alegremente desde um bom tempo antes. Isso é ruim para o setor editorial como um todo, pois são poucas, umas dez, quinze empresas que agem/ agiam assim, mas aí a suspeição respinga de maneira um pouco indiscriminada sobre todo o setor. Então, naturalmente, as boas editoras, as editoras honestas – que, felizmente, compõem a grande maioria do universo editorial – também não gostaram nem gostam nada dessa história toda, dessas outras edi-

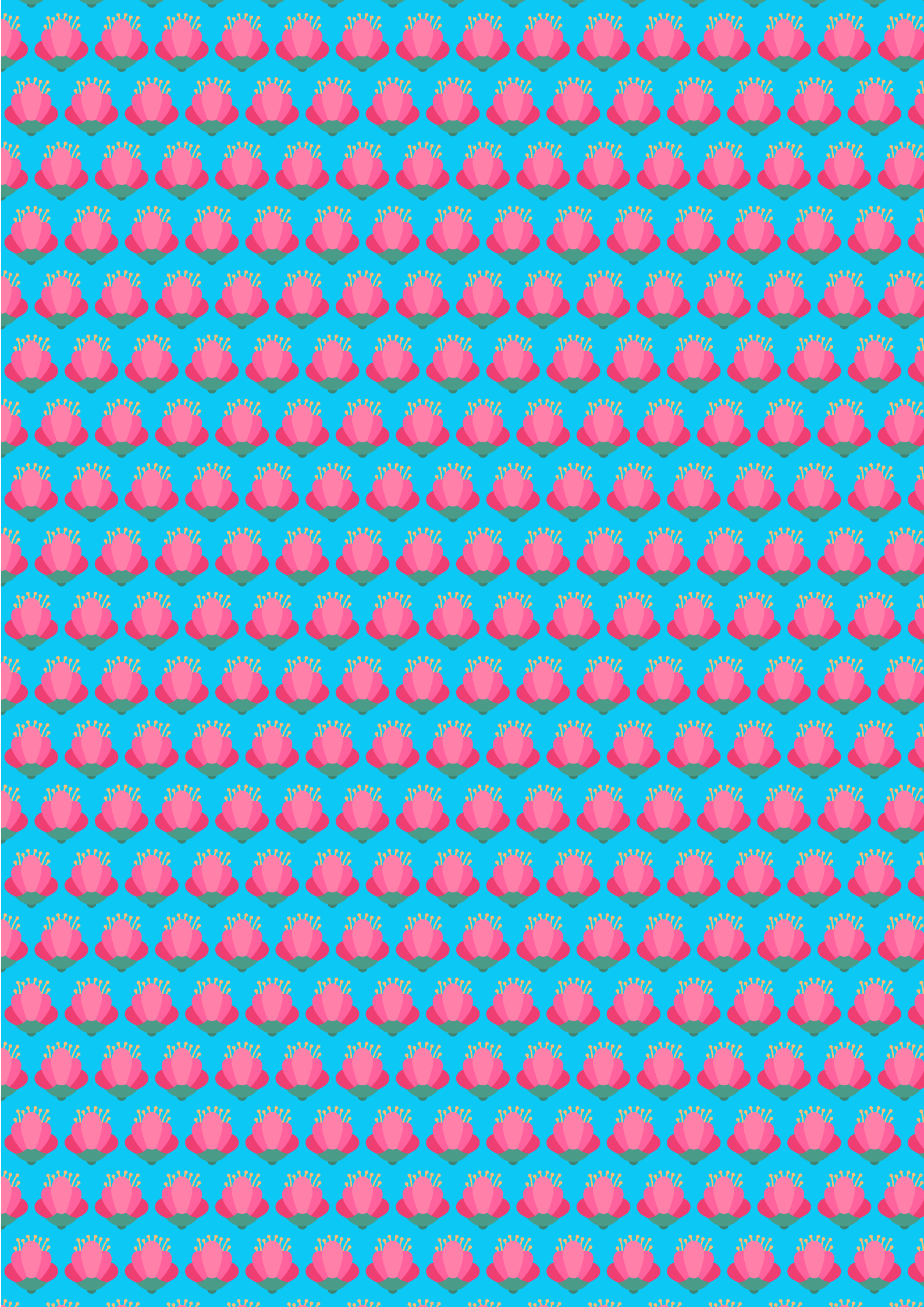
toras praticando “concorrência desleal” (como me disse um editor) e criando um clima de desconfiança entre o público leitor. Em certo sentido, esse processo de fraudes e denúncias acabou também contribuindo para uma maior conscientização entre o público leitor quanto à importância da tradução, inclusive em seu papel formador.

Qorpus - O que mais?

DB - Então é isso. A gente traduz porque gosta, a cabeça funciona legal nessa atividade, a gente está sempre vendo coisas novas. Como a quantidade de obras interessantes é absolutamente gigantesca e como, até agora, tenho tido a grande sorte de trabalhar com editores maravilhosos que não acham meu trabalho muito horroroso, espero poder seguir o exemplo do Manuel Bandeira (e de tantos outros!) que comentei acima: traduzir até o final da vida.

DEPOIMENTOS





Depoimentos

A seguir, depoimentos de tradutores, escritores e artistas sobre a contribuição de Denise Bottmann à cultura brasileira por meio da tradução

“Lá se vão quase vinte anos que Denise Bottmann liderou um movimento inédito neste país que tanto traduz mas tão pouco valoriza o tradutor. Lembro-me de um e-mail de Denise me perguntando se eu queria assinar um abaixo-assinado que denunciava a tramoia de certa editora. Claro que queria! Os embusteiros, simplesmente, republicavam obras-primas com as mesmas traduções de muitos anos antes, mas substituindo os nomes dos antigos e consagrados tradutores por desconhecidos, quando não por pseudônimos.

Denise, que eu já conhecia como excelente tradutora, mostrou-se, mais ainda, notável pesquisadora. Esmiuçou esses plágios vergonhosos que burlavam o direito autoral e, certa, concluiu que não se tratava de caso isolado nem de coincidência, mas de política editorial deliberada. Nem uma nem duas: criou então o blog “naogostodeplagio” e partiu para o necessário ataque. Foi grande a repercussão: a editora vigarista recuou, tirou de circulação alguns livros plagiados e tentou fazer acordo com tradutores vítimas das apropriações indébitas. Mais que isso, Denise enviou, em nossos nomes, uma chuva de e-mails a suplementos culturais e revistas literárias, sempre denunciando a ausência do nome do tradutor. A guerra ainda teve, e terá, outras batalhas. Mas o pioneirismo de Denise Bottmann foi fundamental nessa longa, interminável conquista de valorização do trabalho tradutório. Bravo, querida Denise!” **Rosa Freire d’Aguilar é escritora, jornalista e tradutora**

“A tradução literária vive um período de ouro no Brasil. A pesquisa sobre a tradução literária no Brasil também está mais acelerada e mais produtiva do que em qualquer outro momento. E ambos esses momentos devem uma parte imensa de sua existência à atividade, constante, incansável e brilhante de Denise Bottmann. Ela conhece o campo como poucos, tendo traduzido todo tipo de livros, para várias editoras, num ritmo atordoante e com uma qualidade inquestionável. Mais do que isso, ela enfrentou editoras e monstros desconhecidos na hora de denunciar o fenômeno do “plágio” tradutório, que diagnosticou, identificou, mostrou a todos e tentou curar, ajudando, de quebra, a tornar a tradução algo que as pessoas discutiram mais, e mais profissionalmente, a partir dali, e criando, como quem não quer nada, um repositório gigantesco da história da tradução

em seu site. A tradução literária vive um período de ouro no Brasil. A pesquisa sobre a tradução no Brasil também. E nesses dois campos o nome da Denise é referência mais do que obrigatória. Feliz aniversário, guria.” **Caetano Galindo, escritor, tradutor e professor da UFPR**

“A cultura brasileira deve muito a Denise Bottmann. Graças a ela temos acesso em português a incontáveis textos clássicos e contemporâneos de ficção, ensaios críticos e estudos alentados de renomados autores internacionais. Não bastasse essa produção surpreendente, Bottmann tem ainda um blog, “Não gosto de plágio”, no qual cataloga a atividade tradutória no Brasil, contando assim a sua história e dando visibilidade a tradutores que acabariam sendo esquecidos. Essa posição política de Bottmann contra o apagamento de nomes na área de tradução está conectada à sua luta contra o plágio e à valorização da profissão do tradutor. O aniversário é teu, Denise, mas quem segue ganhando presentes de ti somos nós, leitores. Viva!” **Dirce Waltrick do Amarante é escritora, tradutora e professora da UFSC**

“Não a conheço em pessoa. Mas acompanhei de perto seu famoso blogue, “não gosto de plágio”, enquanto durou. Na época, a obra de Virginia Woolf entrava em domínio público e ela, tal como eu, começava sua tradução de *Mrs Dalloway*, comentando, no blogue, suas dúvidas à medida que avançava no trabalho. Era algo inédito. Como sabemos, quem traduz está fadado, em geral, à categoria do anonimato. Seu relato do trabalho de traduzir Virginia “em público”, foi, além de tudo, uma valiosa contribuição à luta para tentar elevar quem traduz ao nível que lhe é devido. Em alguns momentos, fiz comentários em seu blogue sobre as minhas dúvidas em certas passagens da tradução de *Mrs Dalloway*. Ela poderia, é óbvio, simplesmente ter me ignorado. Mas, não. Ela reagiu educada e civilmente, como numa discussão amigável. O ofício da tradução tem hoje, no Brasil, um lugar central no campo da escrita, graças, sobretudo, aos cursos de várias de nossas universidades. Mas a luta de Denise em favor do inestimável papel da tradução literária, através de seu simples, mas prolífico blogue, não pode ser esquecida. Quem traduz não trai; recria. Nesse ofício, Denise cumpriu e cumpre um importante e imprescindível papel.” **Tomaz Tadeu é tradutor e professor**

“Tive o prazer de conhecer pessoalmente Denise num encontro sobre Direito Autoral na Casa Das Rosas, sob a saudosa direção de Marcelo Tápia. Já a conhecia antes pela tradução admirável de *Mrs. Dalloway* e pela sua atuação corajosa e oportuna no blog

“Não gosto de plágio”, hoje cada vez mais necessária. Querida Denise, continue firme!”

Aurora Bernardini, tradutora e professora da USP

“Toda profissão tem seus luminares. No caso da minha geração de tradutores, temos a imensa sorte de viver na mesma época que Denise Bottmann, e em tempos de hiperconexão. Considero um privilégio poder acompanhar essa mente arguta e inquieta nas questões que ela tem a generosidade de compartilhar conosco, sejam desafios tradutórios mais pontuais, que surgem com o trabalho do momento, ou as questões que ela investiga e analisa mais a fundo, como foi a revelação dos plágios em tradução. Ao longo dos anos, percebi que muitas vezes tenho com ela momentos de coincidências (sincronicidades?): topar com questões parecidas mais ou menos ao mesmo tempo, e é sempre um grande aprendizado. Essa generosidade da Denise em compartilhar conosco um pouco de seus processos e conclusões faz toda a diferença em uma profissão que é essencialmente solitária. São vislumbres do trabalho de uma grande tradutora, e, para mim, certamente um farol que arde em luz.” **Marina Della Valle, poeta e tradutora**

“Privilegiados somos, os contemporâneos de Denise Bottmann. Feliz e orgulhosamente me incluo entre aqueles muitos que construíram conhecimento através de suas valiosas traduções, assim como de suas necessárias reflexões sobre a prática e a ética tradutórias. Através de seu trabalho, um sem número de ideias, histórias e conceitos, em nossa língua portuguesa, nos permite (re)pensar nosso estar no mundo. Celebremos sua vida e obra. Seu legado honremos.” **Tarso do Amaral, professor de Literatura de Língua inglesa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)**

“Conheci Denise Bottmann através do seu tão necessário blog ‘Não gosto de plágio’, quando pesquisava traduções de autores da literatura estrangeira para meu site Templo Cultural Delfos. Denise foi fundamental nessa jornada, seu trabalho investigativo e historiográfico da tradução no Brasil, contribuiu imensamente para definir o meu próprio olhar criterioso e cuidadoso sobre tradutores e traduções. Assim como Bottmann, sou pesquisadora independente, sem vínculos institucionais, o que considero muito bom, pois nos permite uma liberdade que em outra condição, possivelmente, não teríamos, contudo, também aumenta o nosso rigor e responsabilidade sobre o nosso trabalho. Denise e seu trabalho são fundamentais para a história da tradução no Brasil.” **Elfi Kürten Fenske, pesquisadora e editora dos sites Templo Cultural Delfos e Revista Prosa Verso e Arte**

“Devo à arte de Denise Bottmann a leitura em português de livros que foram e são essenciais para mim. Ela ajudou a divulgar no nosso idioma informações atuais sobre artistas que muito admiro, como Van Gogh e Matisse. Esses dois pintores apreciavam muito árvores e flores. O “sex appeal” dos vegetais que eles registraram em sua obra se expande, hoje, nas postagens diárias da Denise, que é grande apreciadora de orquídeas e coleciona imagens de flores que compartilha conosco. Cada vez que vejo no Facebook um pedacinho do jardim real e imaginário da nossa tradutora, penso em Matisse e Van Gogh.”

Sérgio Medeiros, poeta, tradutor e professor da UFSC

“Eu não li Virginia Woolf, James Wood, Terry Eagleton, Will Gompertz, para citar apenas o que enxergo quando levanto os olhos da tela. Eu li a tradução da Denise Bottmann. E com isso não quero reforçar certo delírio de que o tradutor pode tudo, de que suas decisões não têm compromisso ético com o original. Quero reforçar justamente o contrário. Quando leio uma tradução da Denise, tenho certeza de que ela quebrou a cabeça pesquisando as melhores possibilidades de tradução, respeitando estilo e procedimentos do autor traduzido, sem abrir mão de uma prosa que é sua, de um texto que leva sua assinatura. Eu confio nas traduções da Denise. E o blog “Não gosto de plágio”, criado e alimentado por ela, é referência obrigatória para quem se dedica à História da tradução no Brasil, um projeto exemplar de popularização da ciência pensado antes mesmo desse nome existir. Feliz aniversário, Denise! Continue nos presenteando com as tuas traduções.” **Karina de Castilhos Lucena, professora de literatura hispano-americana e tradução do espanhol na UFRGS**

“Conheci o trabalho de Denise Bottmann como historiadora da tradução anos atrás, quando, tentando conhecer melhor a minha história familiar, googlei o pseudônimo (Blasio Demétrio) que o meu avô (Fúlvio Abramo) usou para assinar uma das suas traduções. Eu queria saber se ele teria assinado outras da mesma maneira, e foi aí que encontrei o exaustivo e maravilhoso trabalho que Denise publicava no seu blog “Não gosto de plágio”. O livro de Dante traduzido por meu avô e Aristides Lobo (que assinava Paulo M. Oliveira), tinha sido plagiado pela editora Martin Claret. Futuras pesquisas e artigos de Denise Bottmann iluminaram para mim histórias de resistência e solidariedade nos mundos da militância e da edição da primeira metade do século XX no Brasil. Histórias que devem ser lembradas e que ela resgata com uma escrita clara, deliciosa e exata. Gosto de pensar que fiquei amiga da Denise, mesmo sem ter ainda conhecido ela pessoalmente. Admirei e agradei depois um outro blog onde ela dava dicas para tradutores iniciantes: bibliogra-

fia fundamental, formas de se aproximar das editoras, prazos decentes para traduzir um livro... Conversamos. Coincidimos em algumas preferências e despreferências literárias. Muitas vezes escutou meus desabafos quando eu traduzia obras de autores que não eram os meus prediletos. Muitas mais vezes me iluminou com dicas e palpites fundamentais para o meu trabalho. Fui me tornando uma leitora assídua das suas postagens no facebook, onde ela publica, além de fotografias de orquídeas espetaculares, os processos de pesquisa, descoberta, hesitação e crítica que acompanham seu trabalho. Denise compartilha materiais e pensamentos enquanto traduz —verdadeiros micro-ensaios— às vezes mediante a genial ideia de formar grupos específicos para seguir os seus projetos, e essa é uma das formas mais generosas de diálogo que já encontrei no nosso campo de trabalho. É isso: ela encarna, para mim, a ideia de que tradução é um ofício de generosidade, em que a companhia e o diálogo são sempre fundamentais. Sinto uma grande admiração pelo rigor do seu trabalho e um enorme agradecimento pelo muito que ela tem me ensinado.”

Paula Abramo, tradutora e poeta

“Embora não a conheça pessoalmente, eu a acompanho a tanto tempo, como tradutora do inglês, francês e italiano, e também nos seus blogues e redes sociais, que me sinto um amigo próximo. Sua contribuição para a historiografia e ‘anatomia’ da tradução é imensurável, não apenas por ter furado as bolhas acadêmicas e do mercado editorial, mas por trazer todas as nuances e idiossincrasias do devir da profissão, e expor as pilantragens, os plagiadores e as casas publicadoras que não respeitam a literatura e o leitor. A Denise é uma espécie de Banksy, que leva para as ruas a arte da verdade.” **Carlos Henrique Schroeder, escritor, autor de *As fantasias eletivas*, *História da chuva e Aranhas*, todos pela Record**

“Não vou falar do trabalho da Denise como tradutora porque já deve haver vários depoimentos sobre isso. Prefiro destacar seu trabalho como pesquisadora da História da Tradução no Brasil, uma área de estudos para a qual ela já elaborou uma penca de artigos acadêmicos (em linguagem absolutamente legível, thank God!) e com dezenas (centenas?) de pesquisas e levantamentos do tipo “traduções de Franz Kafka no Brasil”, que ela colocou generosamente à disposição dos leitores no seu incrível blog Não gosto de plágio. O que mais posso dizer? Que tive o prazer de colaborar com ela em dois ou três desses levantamentos, tentando fazer um cruzamento entre História da Tradução e História da Edição no Brasil, esse país sem memória? Que, toda vez que a consulto sobre algum desses assuntos, ela responde com imensa generosidade (de novo) e com descober-

tas bibliográficas que eu sinceramente não sei de onde ela tira, mas que sabe desencavar como ninguém? Bem, é isso: qualquer tentativa de escrever sobre a história da tradução no Brasil deve necessariamente se beneficiar da imensa quantidade de conhecimento com que a Denise tem nos brindado ao longo dos anos. Viva ela!” **Sérgio Karam, tradutor, doutor em Letras pela UFRGS**

“Já conhecia o trabalho de Denise Bottmann como tradutora quando se revelou também sua faceta de defensora ardorosa do respeito aos tradutores, contra a falta de escrúpulo de algumas casas editoriais – de uma em particular. Foi então que descobri *Não gosto de plágio*, uma iniciativa louvável pelo esforço de defesa de um grupo inteiro de pessoas que se dedicam à tradução, com as mais variadas visões sobre essa atividade. Logo fui atraído à seção “Traduções de James Joyce no Brasil”. Como bom joyciano que sou, comecei a desfrutar das informações que já estavam e a colaborar com outras mais. Voltei ao blogue neste momento para rever minha passagem por lá e me surpreendi ao descobrir que meu nome aparece trinta vezes no diálogo com Denise! Foi uma alegria ver que juntos (ela, os leitores e eu) conseguimos fechar algumas lacunas sobre as traduções de Joyce no Brasil. O caso mais interessante, como não poderia deixar de ser, dizia respeito a um plágio: certa editora brasileira publicara a tradução de um conto de Joyce sem dar crédito ao tradutor português. Juntos, desvendamos o mistério. Esta publicação faz merecida homenagem a Denise Botmmann.” **Vitor Alevato do Amaral, tradutor, professor, joyciano**

